

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Carolina Guimarães Farneze

**NARRATIVAS SOBRE MATERNIDADE E CARREIRA NO
INSTAGRAM**

Santa Maria, RS
2023

Carolina Guimarães Farneze

**NARRATIVAS SOBRE MATERNIDADE E CARREIRA NO
INSTAGRAM**

Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero.**

Orientadora: Prof. Dra. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira Cruz

Santa Maria, RS
2023

Carolina Guimarães Farneze

**NARRATIVAS SOBRE MATERNIDADE E CARREIRA NO
INSTAGRAM**

Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação de Especialização em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Estudos de Gênero.**

Aprovado em 30 de março de 2023:

Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira Cruz, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Maria Collier de Mendonça, Dr^a. (UFPE)

Juliana Márcia Santos Silva, Ms^a. (PUC-Rio)

Santa Maria, RS
2023

NARRATIVAS SOBRE MATERNIDADE E CARREIRA NO INSTAGRAM

TÍTULO EM INGLÊS

AUTORA: Carolina Guimarães Farneze

ORIENTADORA: Prof. Dra. Milena Carvalho Bezerra
Freire de Oliveira Cruz

RESUMO

Este artigo é resultado do trabalho de conclusão do programa de pós-graduação em Estudos de Gênero, e tem por objetivo avaliar como as narrativas sobre maternidade e carreira, presentes nas redes sociais, mais especificamente no Instagram, tensionam os pressupostos da maternidade patriarcal. A pesquisa tem caráter exploratório, qualitativo e se fez através da observação não participante, com a coleta de dados feita a partir das publicações das páginas Filhos no Currículo e Maternidade nas Empresas, na rede social *Instagram*. Como resultado das análises percebeu-se que, mesmo se propondo a problematizar a falta de espaço dada às mães no mercado de trabalho, muitas vezes essas narrativas acabam por utilizar dos próprios pressupostos da maternidade patriarcal para redirecionar o valor social da mulher apenas como cuidadora.

Palavras-chave: maternidades; redes sociais; Instagram; trabalho de cuidado

ABSTRACT

This paper is the result of the final project for the post-graduation program on Gender Studies. It aims to assess how narratives on motherhood and career featured on social media, specifically Instagram, strain the assumptions of patriarchal motherhood. The study is exploratory and qualitative in nature and was conducted through non-participant observation. Publications on the Instagram pages "Filhos no Currículo" and "Maternidade nas Empresas" were used for data collection. As a result of the analyses, even though there is a questioning of the lack of space given to mothers in the job market, these narratives often end up making use of the very assumptions of patriarchal motherhood to redirect the social value of women strictly as caregivers.

Keywords: motherhood; social medias; Instagram; caring labor care work

1. INTRODUÇÃO

Em uma época em que há um intenso processo de mudanças no mundo do trabalho, a noção de flexibilização torna cada vez mais presente, o que muitas vezes se traduz em precarização, instabilidade de empregos, informalização, trabalho subcontratado ou em tempo parcial, além de perda de direitos e garantias adquiridas em outros momentos. Historicamente, o principal grupo a ser afetado por essas mudanças são as mulheres, prejudicando sua entrada e permanência no mercado formal.

Essa realidade é atravessada pelas desigualdades de gênero socialmente e culturalmente construídas, determinando na maior parte das vezes quais espaços e atividades devem ser ocupadas por cada um dos sexos. Segundo Helena Hirata (2002, p. 281), “a divisão sexual do trabalho é sempre indissociável das relações entre homens e mulheres, que são relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas e antagônicas [...] de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo construídas socialmente.”

A divisão sexual do trabalho termina por colocar as mulheres em espaços específicos, que majoritariamente, eram marcados pela inferioridade hierárquica, pelos salários mais baixos e por atividades adaptadas às suas capacidades entendidas como inatas (Cláudia NOGUEIRA, 2004). Uma das justificativas mais recorrentes para validar essa situação se baseia nas diferenças biológicas entre homens e mulheres, e é dentro dessa perspectiva que a maternidade aparece como fator negativo na vida profissional das mulheres. Isso ocorre tendo em vista a possibilidade de licença maternidade e das demandas no cuidado com as crianças, que comumente são atribuídas às mulheres e podem vir a interferir na disponibilidade para o trabalho produtivo.

Nesse contexto, o presente artigo é fruto de uma análise exploratória e qualitativa, dos perfis @filhosnocurriculo e @maternidadenasesmpresas, na rede social *Instagram* para compreender como se articulam as narrativas sobre maternidade e carreira dentro das redes sociais digitais. Ambas as páginas, problematizam a questão da maternidade dentro das empresas e propõem estimular o acolhimento de mães e gestantes dentro desses espaços.

O objetivo geral deste trabalho é analisar de que forma as narrativas sobre maternidade e carreira presentes no *Instagram* tensionam os pressupostos da maternidade patriarcal (Andrea O’Reilly, 2015). A metodologia consiste na categorização das publicações selecionadas e análise de conteúdo das produções discursivas e dos significados sobre maternidade e carreira. Do ponto de vista metodológico, é importante ressaltar que a escolha dos perfis utilizados nesta pesquisa não se deu pelo número de seguidores e engajamento,

mas sim pela temática proposta por eles em suas publicações e a forma como eles propõem a articulação das narrativas de maternidade e do mercado de trabalho.

1.1 PERSPECTIVAS SOBRE MATERNIDADES

Ser mãe, em uma sociedade patriarcal, é resistir e persistir. A chegada dos filhos na vida de uma família é acompanhada de mudanças, que podem ser sentidas de forma diferente nos diversos estratos sociais. No entanto, são as mulheres que vão senti-las de forma mais intensa, pois essas mudanças vêm carregadas de muitas expectativas, sejam elas pessoais ou sociais. A ideia de maternidade é uma construção social e histórica, como bem investigaram diversas autoras¹. Elizabeth Badinter (1985) vai recuperar a condição da experiência materna francesa até meados do século XIX. A autora identifica a desvalorização dada à maternidade por toda a Idade Média, relacionando-a à centralidade e poder da figura masculina dentro da instituição da família. Ela afirma que o homem era tido como um sujeito superior a mulheres e as crianças, característica essa entendida como inerente à natureza humana. Logo, o homem era reconhecido por sua autoridade "natural" sobre esposa e filhos, o que resultava na posição de submissão dentro da família.

A noção de infância que temos atualmente vem das transformações sofridas na família a partir do século XVII, onde surge um novo sentimento familiar vinculado à valorização da infância, migrando a centralidade da família da figura paterna para a criança. Essa configuração estimula a ideia do amor materno que começa a ser vinculado à noção de cuidado (Philippe ARIÉS, 1981). Nancy Chodorow (1990), em seu livro “Psicanálise da Maternidade”, afirma que durante muito tempo a maternagem é intrinsecamente relacionada à maternidade, sendo entendida como uma função feminina, uma vez que houve uma transposição social e cultural das capacidades de gestar, parir e amamentar das mulheres para os trabalhos de cuidados.

Badinter, já citada anteriormente, ainda vai mapear os discursos pelos quais essa mudança de paradigma do cuidado vai se dar no contexto europeu, mais especificamente o francês. Ela identifica que, com a ascensão da burguesia a partir de 1760, a sobrevivência das crianças passa a ser uma questão social importante, e há o incentivo às mulheres de assumirem os cuidados com a prole, exaltando a ideia do “amor materno” como um valor

¹ Elizabeth Badinter, Nancy Chodorow, Adrienne Rich, Sara Ruddick, Sharon Hays, Patricia Hill Collins, bell hooks, Andrea O'Reilly, Meredith W. Michaels, Susan J. Douglas, Carol Gilligan, Marcela Lagarde, Dagmar Meyer, Lucila Scavone, Maria Collier de Mendonça, Milena F. de Oliveira-Cruz, entre tantas outras.

natural e social, benéfico a manutenção da espécie, assim como da sociedade. O discurso econômico da época baseava-se em estudos demográficos e pontuava a importância do combate ao declínio populacional para se ter um Estado forte, incentivando o resguardo dessas crianças e reclamando a proteção da maternidade para este fim.

A filosofia do liberalismo do século XVII, se juntou ao discurso econômico, através das ideias de liberdade, igualdade e felicidade individual, propondo que a noção de realização das mulheres estava atrelada à maternidade. Por fim, os discursos feitos por médicos, religiosos e moralistas, articulando-se aos interesses econômicos do Estado, reforçaram a ideia de que era as mulheres que deveriam exercer o cuidado com os filhos, naturalizando o cuidado a partir da capacidade de gestar e parir uma criança (cf. BADINTER, 1985). Esses discursos repercutiram de formas distintas nas diferentes camadas da população, gerando formas de cuidado muito diversas.

Se na Europa o processo de mudança do trabalho do cuidado se deu a partir da constituição dos Estados modernos e do período das revoluções liberais, no Brasil, ela acompanhou nossa passagem de colônia para nação. Foi com a vinda da família real e de toda a sua corte para o Brasil no início do século XIX que os hábitos europeus de cuidado foram replicados aqui, e, com a ajuda dos higienistas, as famílias brasileiras assimilaram esses novos valores (Leila ALGRANTI, 1997).

Mary Del Priore (1993) buscou entender o papel das mulheres e da maternidade na construção da sociedade colonial brasileira. Durante o Brasil colônia, devido a escassez de mulheres brancas, as relações (conjugais ou não) se davam com mulheres indígenas e negras. Essas relações, frequentemente marcadas por situações de violência, eram instáveis, pois muitas vezes essas mulheres se viam repentinamente sem os pais de seus filhos - ou por não serem uma relação legítima e/ou oficial, ou porque estes saíam de casa para as missões de ocupação de território empreendidas em nome da metrópole, onde frequentemente os homens não voltavam, fazendo com que as mulheres assumissem a frente dos meios de subsistência desta família. Para Portugal, no entanto, as necessidades de povoamento mais consistente da colônia passam a ser uma discussão importante da política e, juntamente com a Igreja, começam a defender a ideia de que as mulheres tinham função puramente de procriação e submissão ao marido. Com isso iniciou-se um processo de valorização do casamento, e constituição de uma família legítima para a manutenção do patrimônio e da linhagem. Essa narrativa chegava às mulheres tendo como chamariz o foco de que uma relação institucionalizada daria mais segurança e legitimidade a sua vida caso algo acontecesse com seus maridos. Deste modo, a responsabilização pela esfera doméstica por parte das mulheres

perdurou por séculos, quando então se intensifica o debate das ideias feministas no ocidente.

Com o desenvolvimento do feminismo de segunda onda, que se dá nas sociedades ocidentais do pós-segunda guerra mundial, esse lugar das mulheres vinculado à maternidade e ao espaço doméstico começa a ser questionado. Para Lucila Scavone:

a reflexão feminista muito contribuiu para a compreensão do fenômeno social da maternidade dentro ou fora da família, ultrapassando – mediante a utilização do conceito de gênero – as interpretações sociológicas que, a partir das décadas de 1960 e 1970, buscavam a origem das diferenças sociais entre os sexos na linha bio-determinista. Ou, ainda, àquelas que, a exemplo da “teoria dos papéis” parsoniana, atribuíam à mulher um papel expressivo dentro da família (pois ela exprimiria melhor a vida afetiva da mesma) e ao homem um papel instrumental (de ligação à sociedade e de provedor dos bens da família), possibilitando-nos pensar a maternidade como parte deste papel o que contribuiria para o funcionamento do sistema social (SCAVONE, 2005, p. 142)

A autora pontua que as narrativas existentes sobre a maternidade nesse período travaram um embate. Por um lado, as feministas radicais refutam o determinismo biológico que reservava às mulheres o destino social da maternidade, designando que seu lugar é dentro da família. Em sua perspectiva, a reprodução biológica e os consequentes cuidados com as crianças tiravam essas mulheres dos espaços públicos, sendo essa umas das principais consequências da dominação do sexo masculino. Por outro lado, a corrente do feminismo diferencialista, recupera essa maternidade “como um poder insubstituível, o qual só as mulheres possuem e os homens invejam” (SCAVONE, 2001, p.140), resgatando a experiência da maternidade como parte de uma identidade feminina. No decorrer desses debates, se verifica uma clara desconstrução da questão biológica, sendo a maternidade entendida como uma construção social. Assim, o cuidado, aqui entendido como “a provisão diária de atenção social, física, psíquica e emocional às pessoas”. (Clara ARAÚJO; Celi SCALON, 2005, p.22) continuará a ser atribuído prioritariamente às mulheres, produzindo sobrecarga e tendo consequências no desenvolvimento de sua cidadania.

Diante desse embate, a pesquisadora Andrea O’Reilly (2016), que em 2006 cunha o termo *motherhood studies* como definição para o campo de estudos que começa a se desenvolver, propõe que se tragam as mulheres mães como centro da discussão feminista. Em sua obra “Matricentric Feminism” de 2016, a autora vai articular diversas pesquisadoras sobre o tema, para defender a relevância da construção de um feminismo para as mães, uma

vez que as correntes feministas até então existentes, não dão conta de tratar desse tema tão complexo de forma apropriada. O'Reilly vai articular pesquisas realizadas por Adrienne Rich, Sara Ruddick, Patricia Hill Collins, Elisabeth Badinter, Nancy Chodorow, entre tantas outras que compõem as diferentes correntes feministas que tratavam sobre a maternidade a partir da segunda onda do feminismo. A autora salienta que “a categoria “mãe” é distinta da categoria “mulher” e que muitos problemas que as mães enfrentam - sociais, econômicos, políticos, culturais, psicológicos, entre outros - são específicos das identidades e funções maternas.” (O'REILLY, 2023, tradução nossa). Aqui no Brasil, o trabalho de O'Reilly foi introduzido a partir da tradução e pesquisa de Maria Collier de Mendonça, divulgando e desenvolvendo esse debate no cenário brasileiro.

Neste contexto, é preciso inicialmente diferenciar dois conceitos base muito utilizados na teoria de O'Reilly. A autora vai usar a definição de maternidade (*motherhood*) criada por Adrienne Rich (1976), que se refere ao poder biológico e aos significados institucionais, simbólicos e culturais da maternidade. O segundo conceito base utilizado é maternagem (*mothering*), sendo desenvolvido por Sara Ruddick (1989), que vai contemplar as ações que envolvem o trabalho de cuidado, podendo este ser executado por qualquer pessoa. Dito isso, a partir de seus estudos, a autora vai definir que em uma sociedade de cultura patriarcal, a maternidade pode ser definida a partir de dez pressupostos ideológicos que oprimem as mulheres enquanto mães, sendo assim nominada como maternidade patriarcal, conceito esse que será utilizado na análise deste trabalho. São eles: a essencialização, a privatização, a individualização, a naturalização, a normalização, a especialização, a intensificação, a idealização, a biologização e a despolitização.

“A essencialização posiciona a maternidade como fundamento da identidade feminina. A privatização situa o trabalho materno exclusivamente nas esferas reprodutiva e doméstica. De maneira similar, a individualização transforma a maternagem em um trabalho de responsabilidade individual, centrado, unicamente, na figura da mãe. A naturalização pressupõe que a maternidade seja natural para as mulheres, inferindo que todas nós, mulheres, já nascemos sabendo como maternar “naturalmente”. Isto reforça o entendimento da maternagem como um trabalho guiado por “instintos” e “hábitos”, que não exige o uso da inteligência nem o aprimoramento de diversas habilidades e qualificações. A biologização enfatiza laços sanguíneos, posicionando a mãe biológica como a mãe autêntica e “real”. A normalização limita e restringe as identidades e práticas maternas ao modelo específico da família nuclear, no qual a mãe é a esposa e principal cuidadora dos filhos(as), enquanto seu marido encarna o papel de provedor econômico.

A especialização e a intensificação relacionam a maternidade ao que Sharon Hays (1996) definiu como maternagem intensiva (tradução nossa) e ao que Susan Douglas e Meredith Michaels (2005) chamaram de *New Momism*; enquanto a especialização defende que a criação dos filhos(as) seja guiada por especialistas,

tornando as práticas de maternagem extremamente demandantes, em termos de gastos de energia, dinheiro e esforços maternos. A idealização estabelece modelos maternos inatingíveis, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade sobre as mães. Por fim, a despolitização da maternidade caracteriza a criação e a educação dos(as) filhos(as) como atividades privadas, sem relações nem implicações sociopolíticas (O'REILLY, 2013).” (MENDONÇA, 2021, p. 61)

Para O'Reilly (2016), são esses pressupostos que vão estruturar e delinear a maternidade como instituição patriarcal, configurando-se em uma estrutura opressiva para as mães, com a desvalorização do trabalho do cuidado e conseqüentemente imprimindo uma jornada interminável para essas mulheres, impactando no desenvolvimento de outras esferas de suas vidas. Esse tópico será melhor trabalhado adiante, na terceira parte, Discussões e Análises deste artigo.

1.2 PERSPECTIVAS SOBRE MATERNIDADE EM REDES SOCIAIS DIGITAIS

Diante dos novos questionamentos sobre as conseqüências da maternidade e seu lugar dentro da sociedade, que surgiram principalmente a partir da teoria feminista, estes encontraram nas mídias digitais um solo fértil para o debate. Em anos recentes, diversas pesquisadoras vão utilizar dos ambientes digitais para analisar as narrativas, demandas e reivindicações feitas por perfis que se propõem a falar sobre maternidade e maternagem. Os ambientes virtuais se tornaram, assim, um importante espaço para que as questões das mulheres ocupassem o espaço público, possibilitando sua problematização, discussão e até mesmo sua desnaturalização, a fim de serem repensadas de forma mais igualitária. Da mesma forma, esses espaços também proporcionaram a revitalização e atualização de tais debates, privilegiando a troca de saberes entre as mulheres com o objetivo de ajudar no enfrentamento de suas demandas em seu dia a dia. Portanto, o ambiente digital se torna um espaço importante para pensarmos questões relacionadas à sociabilidade, consumo e práticas culturais (Renata TOMAZ, 2015; Adriana BRAGA, 2021).

O estudo sobre redes sociais não é recente. Denise Cogo, Liliane Brignol e Silvia Martínez (2019) explicam que o conceito de rede social é anterior ao espaço digital, sendo, num primeiro momento, utilizado de modo metafórico. Este conceito de rede, vem do desenvolvimento de diversas correntes de pensamentos e áreas de conhecimento, como as ciências sociais, psicologia, matemática e biologia, e é entendido “como formas de interação social, espaços sociais de convivência e conectividade, definidos fundamentalmente pelas trocas dinâmicas entre os atores que as formam.” (GARCÍA apud BRIGNOL et.al. 2019,

p.188), possibilitando, assim, o mapeamento e a reconstrução das interações sociais existentes.

As autoras ainda pontuam que foi a partir dos anos de 1990, diante do aumento das comunicações mediadas por computador, junto da complexa dinâmica da vida urbana, que houve um boom de pesquisas que abordavam as redes sociais digitais, delineando um novo conceito: a cibercultura ou cultura digital. Atualmente compreende-se a cultura digital como:

o entrelaçamento das tecnologias digitais nos processos culturais das sociedades contemporâneas (Lago Martínez, 2012). Desta forma, [...] a cultura digital não se esgota no ciberespaço (ou cultura on-line), mas que a hipertextualidade é acrescentada entre as diferentes mídias sociais e indústrias culturais (rádio, cinema, televisão, etc.) e os processos de interação social no contexto cultural mais amplo. (BRIGNOL et.al. 2019, p. 194).

Assim, a cultura digital faz parte de nossa realidade para além dos parâmetros estabelecidos pelas plataformas, possibilitando a geração de formas inovadoras de organização e comunicação, que integram os ambientes online e offline. É importante ressaltar que simultaneamente a esse processo, as redes sociais digitais vão instalar eixos-temas econômico, social e político que possibilitam a construção de significado e subjetividade nos próprios usuários-consumidores, norteados pela lógica econômica dessas plataformas comerciais. Dessa forma, torna-se mais difícil identificar quais questões têm relação ao interesse comum, e quais delas são de interesse privado, tornando-se assim um espaço de disputa, permitindo a popularização, expansão e visibilidade das organizações e coletivos sociais que pautam suas questões dentro dessas plataformas (BRIGNOL et. al 2019).

Assim, neste trabalho, entendemos que a internet pode ser compreendida como artefato cultural, uma vez que possibilita observar a inserção da tecnologia no dia a dia das pessoas, favorecendo a percepção de que a rede é mais um elemento da cultura e não um mero aparato técnico. Dessa forma, verificamos uma coexistência entre os âmbitos online e offline, mostrando que essas fronteiras são fluidas e interdependentes. Além do mais, essa perspectiva nos ajuda a compreender que existem diferentes significados culturais em diversos contextos de uso, sendo possível verificar que tanto a produção como o consumo são dispersos entre os múltiplos locais, instituições e indivíduos (Christine HINE, 2000).

É importante destacar ainda que a mídia, de forma mais ampla, sempre foi utilizada

para promover a educação das mulheres, objetivando torná-las mães modernas, indo desde orientações de especialistas sobre o cuidado com os bebês, até formas de cuidados com o próprio corpo feminino, com a finalidade de melhor cuidar dos filhos. (TOMAZ, 2015). Nesse sentido, as redes sociais digitais não são o único espaço para verificar tais dinâmicas, mas sim um espaço que ganha importância e relevância nos tempos atuais. Portanto, pensar a maternidade dentro das redes nos auxilia a identificar demandas e discussões que são caras as mulheres mães nesse momento, uma vez que esses espaços possibilitam um maior ativismo por parte destas a fim de contestar narrativas hegemônicas e promover mudanças.

A possibilidade de contar-se no ambiente virtual, estimula as mulheres a ocupar esse espaço, permitindo um maior protagonismo, pois assumem o lugar de contadoras de suas próprias histórias ampliando suas vozes, contestações e reflexões. Dessa forma, a interação feminina que acontece nas mídias digitais, a partir do compartilhamento dessas experiências, acaba por ganhar fôlego renovado de expressão, pois ela atualiza práticas sociais femininas envelhecidas e consideradas desnecessárias pela lógica masculinista (BRAGA, 2021, p. 27).

A maternidade, então, sai do ambiente privado e ocupa a arena pública com mais intensidade, a partir do compartilhamento e problematização das mais diversas experiências maternas existentes nas mídias sociais. É a partir da ampliação dessas novas narrativas sobre maternidade e seu consequente engajamento, que posiciona as redes sociais como meio relevante de ampliação das vozes maternas e fortalecimento da noção da maternidade como ação política, buscando atingir uma maior igualdade de gênero (BRAGA, 2021; Milena OLIVEIRA-CRUZ, 2022).

2. METODOLOGIA

A proposta para este estudo é de uma pesquisa com caráter exploratório, qualitativo, com revisão da literatura. Diante da observação do campo de pesquisa inicial, o percurso metodológico utilizado se justifica pela busca por uma melhor compreensão e análise das produções discursivas e dos significados compartilhados sobre maternidade e carreira. Para tanto foram analisadas as páginas públicas “Filhos no Currículo” (@filhosnocurriculo) e “Maternidade nas Empresas” (@maternidadenasempresas) nas redes sociais digitais.

2.1 PROCEDIMENTOS

2.1.1 Seleção do *corpus* de análise

Essa pesquisa foi pensada inicialmente para ser realizada na rede social *LinkedIn*², entendendo o grande avanço e relevância dessa plataforma no Brasil nos últimos anos e, especialmente, o seu foco específico nos vínculos e temáticas relacionadas à carreira - que corroboram para explorar a questão central deste estudo. Também foi levado em consideração o momento da pandemia, que gerou muitas demissões e limitou a locomoção das pessoas pelos espaços físicos das cidades, fazendo com que aumentasse o uso da plataforma. No entanto, durante a busca por páginas que abordassem o tema maternidade e carreira, notou-se uma baixa quantidade de material para se realizar a análise das narrativas propostas pela pesquisa, obrigando a mudança de rede social para que esta pudesse se desenvolver conforme os objetivos iniciais.

Diante disso, segui a pesquisa para a rede social *Instagram*, rede na qual a maioria das páginas pesquisadas no *LinkedIn* informavam que possuía conta. A seleção do corpus foi definida de forma intencional, cujos elementos foram selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise (FRAGOSO et. al., 2011. p.78). Num primeiro momento, foi feita a busca por páginas que trabalhassem com a temática maternidade e carreira, a partir do perfil da autora desta pesquisa. Para isso foi digitado na barra de pesquisa do *Instagram* os termos: maternidade e carreira, maternidade e carreira profissional, maternidade e carreira em equilíbrio, alta performance para mães, carreira e maternidade, resultando em 25 diferentes páginas públicas encontradas.

O critério de inclusão dessas páginas para a pesquisa se deu pelos seguintes parâmetros:

- Conter as palavras chaves maternidade, mães, empresas e/ou carreira no nome ou descrição do perfil;
- Não ser páginas pessoais de mães que discutem sobre carreira a partir de suas experiências pessoais;
- Não ser perfis de *coaching*³ de maternidade ou *coaching* familiar;
- Não ser uma agência de empregos voltada para o atendimento de mães fora do

² LinkedIn é uma rede social voltada para relacionamentos profissionais que pode ser usada para encontrar empregos, anunciar vagas, fazer cursos, parcerias e networking.

³ Processo liderado por um profissional qualificado e que utiliza metodologias, técnicas e ferramentas para o benefício de uma empresa ou de um indivíduo, a fim de evoluir alguma área de sua vida, pessoal ou profissional.

mercado formal de trabalho e

- Não ser perfil que aborda a maternidade e carreira a partir de práticas de empreendedorismo.

A exclusão dos perfis associados ao empreendedorismo se deu pelo fato destes, em sua maioria, focarem apenas nas discussões sobre empreendedorismo e não abordarem tanto a questão materna. Desse modo, ao final da seleção, a mostra resultou em dois perfis que atendiam os critérios estabelecidos, o @maternidadenasempresas e o @filhosnocurriculo, podendo assim se iniciar a análise.

É importante destacar que entendemos que os perfis trazidos pelo sistema de busca da plataforma passam pelo agenciamento da mesma, através de seus algoritmos que definiram o que deve aparecer nas buscas. Aqui é relevante conceituar o termo algoritmo utilizado. Basicamente, eles são uma sequência padronizada de ações para obter um determinado resultado. No entanto, ao trazermos essa lógica para dentro das redes sociais, estes precisam induzir os usuários a agir online, complexificando sua atuação. Sendo assim, os algoritmos ganham mais camadas e passam a ser baseados em inteligência artificial, buscando mimetizar ao máximo os modelos da ação humana racional, como por exemplo, tomada de decisão, resolução de problemas, além de lidar com novas situações. Dessa forma, os algoritmos, são construídos para imitar o pensamento e comportamento humano (Brian CHRISTIAN; Tom GRIFFITHS, 2016.; Stuart RUSSEL, 2013).

Além disso, os algoritmos operam dentro de um banco de dados que possui, não só as informações feitas pelo programador, mas também geradas ininterruptamente pelo uso das redes pelos seres humanos. Por conta disso, toda ação humana realizada nas redes tornam-se uma fonte de dados e servem de base para o aprimoramento do algoritmo. E ao tratar esses dados, o algoritmo pode aprender a conhecer e classificar os agentes e suas ações, possibilitando a identificação e a previsão, mesmo que de forma aproximada, dos comportamentos dos usuários, bem como suas condições materiais (RAMOS, 2019).

Outro ponto que precisa ser pontuado é que cada uma das plataformas das redes sociais, são empresas privadas, e portanto, objetivam a obtenção de lucros. A usabilidade delas também será pautada por questões corporativas, que acabam sendo representadas em suas normas e diretrizes de utilização de seu espaço virtual. Nossos caminhos e rastros deixados nesses ambientes, demarcam nossos fluxos informacionais enquanto sujeitos nas redes. Reconhecemos, assim, que esses dados coletados não são neutros, uma vez que eles perpassam não só os interesses de pesquisa e pessoais da autora, como também pelas diretrizes do *Instagram*.

2.1.2 Coleta de dados

Para essa análise, foi determinado que o período de coleta dos dados seria entre os dias 20/02/21 a 09/05/21, contemplando assim a comemoração do dia das mães. Foram coletadas as publicações feitas por ambas as páginas, totalizando 162 postagens. Os dados foram registrados por meio de *print screen*⁴ das publicações feitas para que pudesse ser realizada a análise de seus conteúdos. Para esta pesquisa não será considerado os comentários feitos nestas postagens, pois estes não contemplam a proposta dessa pesquisa, que busca investigar os enunciados entre maternidade e carreira das próprias contas.

2.1.3 Instrumentos para análise dos dados

Pensando na sistematização dos dados desta pesquisa, a análise se constituiu a partir de princípios da análise de conteúdo e procura estabelecer “[...] uma correspondência entre as estruturas semânticas ou linguísticas e as estruturas psicológicas ou sociológicas dos enunciados” (BARDIN, 1977, p. 41), a fim de compreender as características e modelos de maternidade que estão por trás dos fragmentos das mensagens divulgadas pelas páginas estudadas. Dessa forma, adotaremos a análise de conteúdo temático-categorial, pois entendemos ser a ferramenta mais adequada para atender o objetivo desta pesquisa, uma vez que possibilita articular o texto produzido com seu contexto social.

Uma vez definido quais páginas seriam trabalhadas e quais as publicações a serem analisadas, iniciamos o processo de categorização. Mesmo que o fio condutor da análise seja sobre maternidade e mercado de trabalho, foi possível identificar distintos eixos temáticos, mais específicos, que abordam diferentes dificuldades experimentadas e vividas por mulheres após serem mães. Portanto, houve a necessidade de classificar essas publicações por temas mais amplos, que ultrapassam o eixo central da pesquisa, tendo em vista a regularidade dessas temáticas em ambas as páginas.

Assim, as publicações foram categorizadas a partir dos seguintes temas identificados nas postagens: **a) dados sobre o mercado de trabalho** para as mulheres, onde são encontradas informações sobre a inserção de mulheres e mães no mercado formal, além de notícias sobre leis voltadas para as mães; **b) dados sobre o cuidado com os filhos e auto cuidado**, que contempla informações sobre cuidado com as crianças e questões sobre autocuidado; **c) habilidades e boas práticas profissionais**, inclui o maior número de

⁴ Print Screen é um comando disponível em telefones celulares, computadores e tablets que permite a captura de toda a tela dos seus respectivos aparelhos, sendo essa informação salva em formato de imagem.

publicações coletadas, e contempla desde informações sobre habilidades que as mães desenvolvem a partir da maternidade que podem servir como atributos a serem aproveitados pelas empresas, até dicas de boas práticas voltadas para empresas e gestores, orientando o acolhimento e contratação dessas profissionais mães; **d) pandemia**, aqui há informações sobre o impacto sofrido pelas mães em seu trabalho produtivo em decorrência da pandemia de COVID-19; **e) sobrecarga materna**, esta categoria inclui informações sobre o excesso de tarefas realizadas por mães; **f) propaganda e serviços** ofertados pelas páginas estudadas, informa os trabalhos já realizados em empresas contratadas, além outras atividades como, lives, podcast e palestras oferecidas aos seus seguidores; **g) vagas de emprego específicas para mães**, e por fim, elencamos a categoria “outros” incluindo enquetes, mensagens de agradecimento, e outros assuntos que não tratam sobre maternidade e carreira.

Tabela 1 - Categorização inicial das postagens das páginas Filhos no Currículo e Maternidade nas empresas

Categorias das postagens	Número de publicações
Propaganda e serviços ofertados	56
Habilidades e boas práticas profissionais	44
Sobrecarga materna	17
Dados sobre o mercado de trabalho para mulheres	14
Dados sobre o cuidado com os filhos	11
Pandemia	8
Vagas de emprego específicas para as mães	2
Outros	10
Total de posts	162

Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo em vista o objetivo do trabalho, deixaremos de fora das análises as categorias de vagas de emprego, outros e propaganda e serviços ofertados. Esta última, mesmo aparecendo com maior frequência, funciona apenas como vitrine dos serviços oferecidos pelas responsáveis destes perfis, totalizando assim em 94 publicações passíveis de serem analisadas.

A partir da categorização do material coletado, e visando o objetivo desta pesquisa, utilizamos as seguintes palavras chaves para a seleção dos posts a serem analisados: mãe(s), maternidade, mulher(es), carreira e empresa(s). Assim, foi possível mapear de que forma as narrativas sobre maternidade e carreira são tensionadas a partir dos pressupostos da maternidade patriarcal. A escolha dessas palavras se deu pela alta frequência de seu uso nas publicações selecionadas, perfazendo o total de 94 publicações acima mencionadas que atendem os critérios estabelecidos pela análise.

Do ponto de vista teórico, as categorizações e problematizações foram feitas de modo articulado à proposta do feminismo matricêntrico. Durante a segunda etapa de análises, foi possível identificar a recorrência de alguns pressupostos da maternidade patriarcal nas publicações, que apareciam ora para demonstrar as desigualdades vividas pelas mães, ora para justificar os argumentos da maternidade como uma experiência favorável para a carreira. Assim, as categorias temáticas foram importantes para delimitar as principais abordagens e cruzamentos propostos pelas páginas para refletir sobre maternidade e trabalho. Já no momento análise, percebeu-se que a articulação dos dados empíricos com a teoria do feminismo matricêntrico, mais especificamente a partir dos pressupostos ideológicos da maternidade patriarcal, seria possível um maior aprofundamento da discussão proposta por essa pesquisa, bem como refletir sobre possíveis contradições presentes no discurso das páginas estudadas.

3. DISCUSSÕES E ANÁLISES

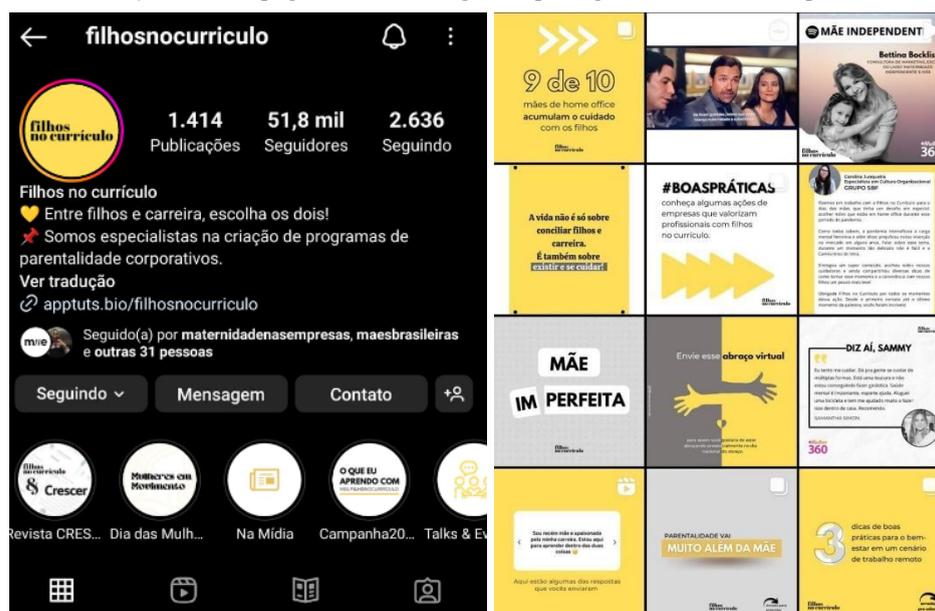
Como dito, investigar a maternidade dentro das redes sociais nos possibilita a identificação de demandas e discussões que são importantes para as mães num dado momento. Nos últimos anos, os estudos desenvolvidos sobre a maternidade buscam desnaturalizar os ideais de maternidade largamente difundidos a partir do século XVII, buscando, em alguma medida, valorizar as mães enquanto sujeito de direitos, de vontades e de expectativas, centrando a discussão na subjetividade feminina (TOMAZ, 2015). Assim, as páginas selecionadas se inserem nesse contexto e pensam as mães como ponto central nas questões apresentadas sobre o trabalho produtivo e as mulheres, mais especificamente as mães.

3.1. APRESENTAÇÃO DAS PÁGINAS ANALISADAS

Antes de começar a análise das publicações, é necessário apresentar e caracterizar nosso objeto. Visando o objetivo da pesquisa, as páginas estudadas são a Filhos no Currículo (@filhosnocurriculo) e a Maternidade nas Empresas (@maternidadenasempresas) que abordam o tema da maternidade com o foco no mercado de trabalho. Como dito anteriormente, mesmo que as páginas façam publicações em mais de uma plataforma digital, aqui foco apenas na produção do *Instagram*. Também iremos caracterizar as criadoras desse conteúdo, para melhor compreender as análises feitas. Por fim, ressalto ainda que as informações sobre as autoras aqui apresentadas foram publicadas por elas e coletadas em suas respectivas páginas.

3.1.1 Filhos no Currículo (@filhosnocurriculo)

Figura 1 - Apresentação do perfil @filhosnocurriculo, visualizado em smartphone: à esquerda a parte inicial com a descrição sobre a página, à direita algumas postagens no limite da captura de tela.



Fonte: <https://www.instagram.com/filhosnocurriculo/>. Acesso 02/02/2023.

A primeira página que apresento é a Filhos no Currículo, uma conta pública no Instagram, criada em fevereiro de 2019 por Camila Antunes e Michelle Terni. Até o fim do mês de janeiro de 2023, a conta possuía cerca de 51,8 mil seguidores, com números ainda em crescimento, e compõe-se de 1369 publicações feitas até o momento. A página é ferramenta de divulgação de uma consultoria de transformação cultural, que objetiva “transformar

ambientes corporativos em um lugar melhor para que profissionais com filhos possam trabalhar, se desenvolver e ocupar posições de liderança”.

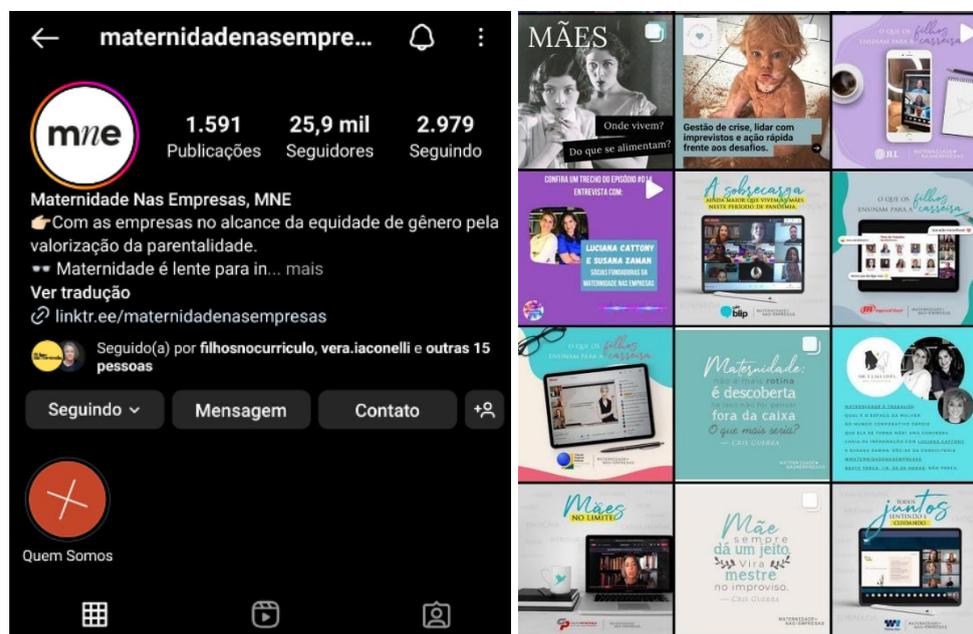
Camila Antunes, mulher branca, mãe de dois filhos, em um post de janeiro de 2021 se autodefine como “cofundadora da Filhos no Currículo. É advogada, pedagoga, e especialista em parentalidade e inteligência emocional”. Nesse mesmo post, ela conta um pouco de sua história de vida, e como a perda da mãe quando criança e as expectativas maternas desconexas de sua realidade de maternar foram as motivações pelas quais iniciou esse projeto, após a chegada de sua primeira filha. Camila já possuía um outro perfil no Instagram chamado Ser para Educar, que hoje é privado e possui um aviso de “perfil desativado”, impossibilitando a obtenção de mais informações. No entanto, através da busca do uso de hashtags, foi identificado que esse perfil falava sobre disciplina positiva e outras formas de educação não-violentas.

A outra co-fundadora desta empresa é Michelle Terni, mulher branca, mãe de 2 filhos. Ela se autodefine, em um post de junho de 2019 como “designer de coração, futura fotógrafa, especialista em comunicação e gestão de projetos.” Há poucas referências sobre essa co-fundadora na página, sendo computado a ela trabalhos mais administrativos e de coordenação do projeto, enquanto Camila acaba sendo a principal figura do perfil.

A produção de conteúdo neste perfil é intensa, com postagens diárias que abordam desde as dificuldades vivenciadas pelas mães na pandemia, sobrecarga materna, até reportagens sobre a relação entre mulheres e mercado de trabalho, mães e mercado de trabalho, divulgação de dados de pesquisas realizadas por grandes institutos de pesquisa, dicas de boas práticas em ambientes corporativos, divulgação de trabalhos feitos, lives com outros interlocutores sobre essa temática, entre outros. Também foi identificado que durante o desenvolvimento deste perfil, houve a criação de outros produtos comunicacionais como o podcast, que teve seu primeiro episódio lançado em junho de 2021. O perfil também conta com diversas parcerias junto a outros perfis que trabalham com o tema maternidade e carreira. Em 2020, a parceria foi com o canal B2Mamy, onde foram realizados debates sobre as mudanças na carreira após a maternidade. Já em 2021, a parceria é com a M.A.M - Mães Atuantes no Mercado, onde há a divulgação de vagas de emprego específicas para mães em diversas empresas.

3.1.2. Maternidade nas Empresas (@maternidadenasempresas)

Figura 2 - Apresentação do perfil @maternidadenasempresas, visualizado em smartphone: à esquerda a parte inicial com a descrição sobre a página, à direita algumas postagens no limite da captura de tela.



Fonte: <https://www.instagram.com/maternidadenasempresas/>. Acesso 02/02/2023.

O segundo perfil abordado é o Maternidade nas Empresas, uma conta pública no Instagram, criada em abril de 2018, por Luciana Cattony e Susana Zaman. Até o final do mês de janeiro de 2023, o perfil conta com 25,9 mil seguidores e cerca de 1.507 publicações. A página também foi construída para a divulgação de uma consultoria de equidade de gênero com a valorização da parentalidade nas empresas e seus desdobramentos. Luciana Cattony, mulher branca, mãe de um filho de 9 anos, em um post de fevereiro de 2021, se auto define como “publicitária e user experience designer [...] pesquisadora e mestranda em design estratégico e professora do primeiro MBA em Diversidade do Brasil”. Além disso, ela conta como sua história de vida e a chegada de seu filho, que foi a motivação para começar a trabalhar com a temática da maternidade. Luciana, em um primeiro momento, iniciou sua trajetória dentro do tema da maternidade, através de um outro perfil nas redes, o @realmaternidade. A página tinha como objetivo "levar leveza e alegria para mães e as famílias", abordando assuntos mais gerais sobre maternidade, e migrando aos poucos também para o tema maternidade e carreira. Este perfil foi iniciado em 2013 e é ativo até hoje, contando com reposts do material feito para o @maternidadenasempresas.

Já Susana Zaman, mulher branca, mãe de dois filhos, um de seis e outro de quatro anos, se auto define como “engenheira de produção, e há 15 anos trabalha com gestão de pessoas”. Durante sua carreira, ela engravida e após o nascimento da bebê “resolve empreender na busca de ficar mais perto de sua filha.” Assim nasceu a @nutrimae, “o primeiro clube de assinaturas voltado à alimentação saudável da gestante e lactante”. A mudança na carreira, como ela logo percebeu, se deu por falta de opção de permanecer em sua antiga profissão. Assim, juntamente com Luciana, ela funda o @maternidadenasempresas visando trabalhar o ambiente empresarial mais acolhedor para as mães. Em 2021, Susana finalizou o mestrado em Engenharia de Produção, com uma pesquisa sobre o impacto do trabalho flexível para a equidade de gênero, pela UFRGS.

3.2. ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES A PARTIR DOS PRESSUPOSTOS DA MATERNIDADE PATRIARCAL

A partir dos conteúdos produzidos e compartilhados pelas páginas analisadas, conseguimos observar que ambas promovem uma perspectiva que busca contestar a forma como a maternidade tradicionalmente é vista dentro das empresas. Ou seja, procuram combater a forma negativa como a maternidade é percebida, com a intenção de trazer esse assunto para debate e sensibilizar as pessoas, a fim de diminuir as diferenças de gênero encontradas nesses espaços. No entanto, mesmo com o objetivo de problematizar questões sobre maternidade, elas acabam por reforçar alguns dos pressupostos da maternidade patriarcal. Neste sentido, foi possível identificar nos posts a individualização, a naturalização, a normalização, a privatização e a despolitização, que serão analisados com mais profundidade a seguir. Devemos esclarecer que a escolha de fazer a análise dos dados seguindo os pressupostos da maternidade patriarcal identificados se deu com a perspectiva de concentrar a análise dos dados empíricos a partir da perspectiva teórica central sobre o tema.

Assim, para avançar na análise é importante definirmos o que é a maternidade patriarcal. O termo foi cunhado por Adrienne Rich, em seu livro *Of Woman Born: Motherhood as Experience and Institution*, de 1986, onde ela vai distinguir dois significados para a maternidade, que muitas vezes podem estar sobrepostos. O primeiro deles entende a maternidade como uma forma de empoderamento das mulheres, a partir da posse de seus poderes reprodutivos e de exercício de cuidados com seus filhos feitos em seus próprios moldes. Já o segundo é a maternidade entendida como instituição, que visa garantir que todas as mulheres devem permanecer sob controle masculino. Ou seja, enquanto a maternidade for

entendida e funcionar como uma instituição patriarcal, que busca restringir, regular e dominar as mulheres, degradando e guetizando as potencialidades femininas, estas não poderão empoderar-se de suas próprias experiências de maternagem (RICH apud O'REILLY, 2015, tradução nossa).

Dessa forma, Rich (1986) entende, assim como outras autoras citadas anteriormente, que a maternidade não é algo natural ou biológico, mas sim uma construção sociocultural, que se adapta de acordo com novas demandas econômicas e novos fatores sociais, o que impossibilita uma experiência universal da maternidade. Para os tempos atuais, o ideal de boa mãe ainda se baseia nas mulheres que buscam ser intensamente mãe. Esta busca se constitui em uma atualização constante das últimas diretrizes de cuidado, como por exemplo, orientações referentes à alimentação mais adequada, indo até técnicas disciplinares mais atuais para educação de seus filhos, procurando sempre o atendimento das necessidades destes e seu pleno desenvolvimento (Sharon HAYS, 1998). Isso acaba implicando na abdicação pessoal enquanto mulher, seus desejos e vontades, a partir da maternidade, devem estar voltados para um terceiro, no caso seus filhos, para que estes possam se tornar indivíduos que gozam plenamente de seus desejos.

Hays (1998) vai além e nos traz a imagem da “supermãe” que é essa mulher bem sucedida. Ela consegue comandar casa e trabalho, sem esforços, “enquanto empurra o carrinho de bebe com uma mão, carrega a pasta de executiva na outra. [...] Seus filhos estão sempre impecáveis, têm alma forte, grande autoestima e muitos bons modos - mas não são passivos” (HAYS, 1998, p.170). É importante ressaltar que esse ideal materno não corresponde à experiência vivida pela maioria das mulheres. Ela se aproxima de um ideal de profissional liberal, de classe média e branca, se tornando assim, um padrão inatingível pela maioria das mulheres. No entanto é esse o ideal de mãe presente majoritariamente nas duas páginas analisadas, como podemos ver nas publicações abaixo.

Na figura 3 (abaixo) há a definição do que é ser mãe. Nela a mãe não só é a mulher que ama, cuida, mas também aquela que chora de cansaço e se desconstrói e reconstrói quantas vezes for preciso. Na legenda desta publicação, as autoras pontuam que ainda “se ouve” que as mulheres mães são as únicas responsáveis pelo cuidado tanto da casa quanto dos filhos, em uma tentativa de problematizar a questão da **individualização** do cuidado. Entretanto, o texto acaba por reforçar essa premissa à medida em que conclui que “Mães são sonhadoras, projetam um futuro lindo para seus filhos e o mais importante de tudo, elas realizam.”

Figura 3 - Filhos no Currículo - Publicação da página @filhosnocurriculo



Fonte: Instagram ⁵

Já na figura 4 (abaixo), verificamos que há uma associação entre a maternidade e “ser uma profissional exemplar”. É somente por conta da maternidade e dos aprendizados vindos dessa experiência, que se torna possível ser uma profissional melhor. Em busca de validar essa ideia, as autoras fazem uma associação entre o dia das mães e o dia do trabalho, por serem datas comemoradas, coincidentemente, no mês de maio. Assim, para elas, a maternidade é entendida como “impulso poderoso” que “Integra habilidades, como liderança e orienta a busca pelos resultados”. Ainda na legenda dessa postagem, as autoras se utilizam da fala de uma de suas clientes, que trabalha em uma grande empresa, para cimentar essa associação: “Minha carreira me faz ser uma mãe melhor e, ser mãe, me faz ser uma executiva melhor.” Verificamos assim que ambas as páginas, legitimam o ideal de supermãe proposto por Hays (1998) ao enaltecer a **maternagem intensiva**, como forma de valorizar essas mulheres mães enquanto profissionais.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COp-WCFrJIN/?hl=pt> . Acesso 10 de janeiro de 2022.

Figura 4 - Maternidade nas Empresas - publicação da página @maternidadenasempresas



Fonte: Instagram ⁶

O processo de **individualização** da maternidade aparece com frequência nas publicações de ambas as páginas, aparecendo em quatro das cinco categorias mapeadas. Podemos percebê-lo através do constante tensionamento entre a figura da mãe e o mercado de trabalho, este entendido como uma entidade uniforme e independente. Aqui, toda a referência de cuidado recai sobre a figura feminina, ora aparecendo como sujeitas penalizadas pela responsabilidade do cuidado, ora como profissionais aprimoradas por conta das habilidades aprendidas durante sua maternagem.

Quando olhamos mais atentamente para o primeiro conjunto de publicações, os que buscam problematizar a situação das mulheres mães como sujeitas que vivenciam os impactos negativos no ambiente de trabalho por conta da maternidade, estas se dão, prioritariamente, dentro da lógica da sobrecarga. Aqui temos desde publicações com divulgação de pesquisas realizadas, tanto dentro como fora do Brasil, sobre a questão do cuidado. Trata-se, por exemplo, de publicações que comemoram conquistas legais e institucionais em reconhecimento da maternidade por empresas e sociedade de uma forma geral, como também de pesquisas que abordam questões sobre as altas taxas de desemprego das mulheres mães, que foram potencializadas pelo período pandêmico. As publicações abordam dificuldades vividas por pais e mães nos ambientes de trabalho e a reação de seus empregadores com relação às demandas de cuidado de seus filhos. Por outro lado, tratam também da dificuldade de conciliar a culpa materna e a necessidade de ser produtiva,

⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/COgYXDDAdL_/. Acesso 10 de Janeiro de 2022.

destacando justamente o dilema produzido pela divisão sexual do trabalho, que constrói relações de poder nas sociedades, uma vez que a posição das mulheres dentro das relações de trabalho, configura o cerne das formas de exploração que caracterizam a dominação de gênero (Flávia BIROLI, 2018).

Figura 5 - Filhos no Currículo e Maternidade nas Empresas - publicações das páginas @filhosnocurriculo e @maternidadenasempresas



Fonte: Montagem a partir das imagens coletadas das publicações do perfil Filhos no Currículo e Maternidade nas empresas

Outra característica que vai compor esse conjunto de publicações, vem em decorrência da consequência dessa **individualização** da maternidade. Discussões sobre as mulheres serem multitarefas, debates sobre a carga mental e o aumento do trabalho doméstico, que foi intensificado durante o período da pandemia de COVID-19, aparecem como temas debatidos sobre a manutenção das mulheres como a principal pessoa responsável pelo trabalho do cuidado, tanto da casa quanto dos filhos. Assim, elas destacam a permanência do feminino neste papel, que impactaria na realização pessoal e política das mulheres mães. A atual divisão sexual do trabalho determina uma distribuição desigual de recursos, como tempo livre, renda e redes de contato, que possibilitaria a maior participação das mulheres em esferas políticas a fim de reivindicar melhoria de direitos e uma cidadania mais plena (BIROLI, 2018). Dessa forma, essas publicações dão base para justificar o conteúdo produzido e debatido por ambas as páginas, tensionando as narrativas da

maternidade hegemônica e o mercado de trabalho, reforçando a necessidade do serviço de consultoria oferecido por ambas. Aqui neste grupo de publicações, vemos uma contestação do pressuposto da **despolitização** da maternidade, uma vez que a solução para as demandas e questões propostas é possível a partir de ações individuais (muitas vezes calcadas na meritocracia) e não em ações coletivas.

Figura 6 - Maternidade nas Empresas e Filhos no Currículo - publicações das páginas @filhosnocurriculo e @maternidadenasempresas



Fonte: Montagem a partir das imagens coletadas das publicações do perfil Filhos no Currículo e Maternidade nas empresas

Já no segundo grupo de publicações, os que veem as mulheres mães como profissionais melhoradas, temos a descrição de um rol de habilidades desenvolvidas através da maternagem, e que são valorizadas pelo mercado. Tanto a Filhos no Currículo, como a Maternidades nas Empresas, pontuam que características individuais, como empatia, criatividade, adaptabilidade, liderança e uma melhor capacidade de comunicação são favoráveis para a carreira. Por outro lado, defendem que aprendizados adquiridos a partir de atividades exercidas no espaço doméstico, como por exemplo, a administração de recursos, passando por ideais de felicidade (tendo sido descrito o esforço e sacrifício e a motivação), vão compor as benesses que a maternidade traz às mulheres. Todos eles estão, de alguma forma, associados com funções exercidas pelas mulheres mães no cuidado com sua casa e seus filhos.

Figura 7 - Maternidade nas Empresas - Publicação da página @maternidadenasempresas



Fonte: Instagram⁷

Nesse ponto, ambas as páginas vão enxergar os filhos como potência, fator de motivação e ideal de futuro. São eles (filhos) que vão trazer para essas mulheres mães, através das rotinas de cuidados, as habilidades que o mercado de trabalho valoriza e não pode abrir mão de ter. Na publicação do dia 09 de maio, figura 7, na página Maternidade nas Empresas, confirmamos essa ideia. Diz o post: “acreditamos na potência do autodesenvolvimento trazida pela maternidade. São tantas habilidades desenvolvidas a partir desse momento mágico e que podem ser usados na carreira que não caberiam em um único texto”. Assim, elas reforçam a imagem de que uma profissional com filhos torna-se uma profissional mais feliz e produtiva. Mas não só de atributos ligados à maternidade que as páginas vão valorizar. Elas buscam, de certa forma, feminilizar o mercado de trabalho e por isso, também exaltam características ligadas ao feminino, como mostra a publicação do dia 08 de março, figura 8, em que elas vão elencar a empatia, a colaboração, a sensibilidade, a intuição, o altruísmo e a vulnerabilidade como práticas a serem incorporadas ao mercado formal, com o objetivo de torná-lo mais acolhedor e mais igualitário.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COpm4BZgIJ3/>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

A ideia de autodesenvolvimento, citada acima, está muito ligada à racionalidade neoliberal, de que o indivíduo é um empreendimento infinitamente "aperfeiçoável" e que por isso todos têm o direito e o dever de se manter, gerir e potencializar seu próprio bem-estar. Isso implica em responsabilizar a pessoa pela alocação de meios e recursos necessários para a realização desse projeto de melhoria individual (Dagmar MEYER, 2005, p.87). É importante ressaltar que, no caso das mulheres mães, essa lógica se estende para os filhos, ou seja, além de buscar o aprimoramento pessoal e individual, ela também precisa protagonizar esse processo para os filhos. Quando as páginas buscam pontuar as habilidades adquiridas pela maternidade, como vemos nas publicações transcritas na tabela 2 (abaixo) acabam por esvaziar a crítica por elas mesmas colocadas sobre mercado de trabalho como um lugar não acolhedor para as mulheres-mães enquanto profissionais.

Tabela 2 - Transcrição das publicações de Maternidade nas Empresas e Filhos no currículo

Maternidade das Empresas	Filhos no Currículo
4 Habilidades desenvolvidas pela maternidade que podem ser utilizadas no trabalho	Em.pa.ti.a (substantivo feminino) Tanto em casa quanto na empresa, que diferença faz a empatia, né? Ajustar o olhar para compreender as diferenças torna qualquer relação melhor.
Administração de recursos - Fechar o orçamento da casa e encaixar as novas despesas decorrentes da chegada do filho. Imagina esse exercício aplicado à realidade da sua empresa!	Criatividade Quanta criatividade cabe em uma mãe, né? seja para driblar um choro, acompanhar o ensino à distância. A criatividade é uma habilidade que as profissionais com filhos no currículo tiram de letra!
Esforço e sacrifício - Priorizar as necessidades dos filhos. Quando há um propósito , se torna mais simples o exercício de segmentar as tarefas e buscar resultados com agilidade!	Comunicação É mais uma das habilidade que as mães desenvolvem Essa troca de aprendizados enriquece o ambiente de trabalho. Os ganhos são tantos em casa quanto no escritório.

Comunicação e oratória - **Entender o contexto de fala** do seu filho e usar palavras e termos mais adequados pode ensinar muito quando o assunto é **comunicação entre colegas**. Nada como falar a mesma língua para ser compreendido!

Adaptabilidade
é a capacidade de alguém mostrar-se adaptável.

Ser mãe é mergulhar em um universo de incertezas e aprender com isso sempre.

Motivação - Ajudar as crianças a **superar frustrações e mostrar a elas que é preciso seguir em frente**, faz toda a diferença. Essa mesma **motivação pode ser usada no trabalho e inspirar o time**.

Liderança
Quando nasce uma mãe nasce uma líder.
Tomar decisões e resolver problemas complexos são atividades praticamente diárias!

Fonte: Instagram.⁹

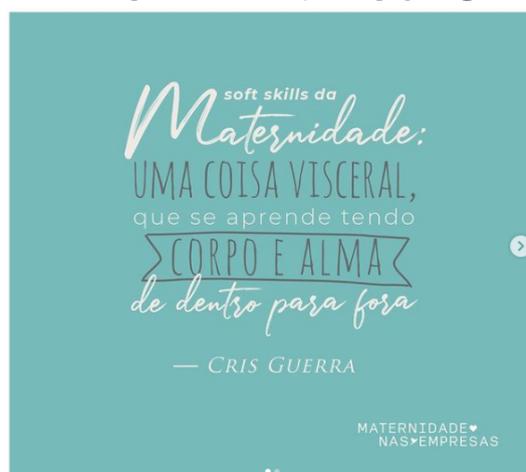
Ao acionar soluções individuais, não se produz uma ruptura ou solução na estrutura de opressão de gênero existente no mercado formal, afinal não é só a experiência materna que possibilita um trabalhador desenvolver a criatividade. Dito de outro modo, ao aprender a liderar equipes, sugere-se que as soluções devem levar em consideração as diversas camadas de complexidade existentes nessa dinâmica. Ao enaltecer essas características, as páginas voltam a reforçar a valorização do ideal da supermãe, citada anteriormente, pois associam a existência dessas mulheres mães como as principais provedoras do núcleo familiar e produtoras de cuidado, educação e saúde de seus filhos, portanto, valoram positivamente a capacidade de inserção concomitante no mercado de trabalho e na família.

Nas publicações da tabela 2, além do processo de individualização, identificamos também o pressuposto da **naturalização**. Segundo a Filhos no Currículo, todas as habilidades desenvolvidas vêm de situações de incertezas e ineditismo vividas durante a maternagem dos filhos. Se adaptar, ser criativa ou tomar decisões para resolução de desafios diários, por exemplo, são características que todas as mulheres já sabem fazer e são apenas aprimoradas com o exercício da maternagem. Assim, essas habilidades não necessariamente são aprendidas para dar conta das novas demandas existentes com a chegada dos filhos. Em outra publicação (figura 10), agora da Maternidade nas Empresas, elas trazem o termo “visceral” associando a maternidade a essas habilidades, através de uma lógica biológica. Também verificamos o predomínio de ideias que priorizam os filhos em detrimento de si, focando

⁹ Disponível em : <https://www.instagram.com/p/CLnBLwqARba/> [https://www.instagram.com/p/COAz8KkLCJy/?hl=pt](https://www.instagram.com/p/COAz8KkLCJy/?hl=pt;); <https://www.instagram.com/p/COk4uuyLqWT/?hl=pt> ; <https://www.instagram.com/p/CObNmWkrfUQ/?hl=pt>; <https://www.instagram.com/p/COLwBbqrfp/?hl=pt>; <https://www.instagram.com/p/COGC04CLwjr/?hl=pt> Acesso em 10 de janeiro de 2022.

apenas o bem estar destes, o que acaba por reiterar a ideia da supermãe pontuada no início desse texto. Em outra publicação agora do dia 03 de abril, (figura 11) a página Filhos no Currículo, também reforça a ideia da naturalização do cuidado, quando, ao propor uma atividade de boas práticas para as empresas acolherem as mães, sugere uma “madrinha” para que esta acompanhe a volta dessa colaboradora ao ambiente de trabalho, mais uma vez é as mulheres associadas a função de cuidado de um terceiro.

Figura 10 - Maternidade nas Empresas - Publicação da página @maternidade nas empresas



Fonte: Instagram¹⁰

Figura 11 - Filhos no Currículo - Publicação da página @filhosnocurriculo

4 ESTRATÉGIAS PARA APOIAR O RETORNO AO TRABALHO DA SUA COLABORADORA

- ✓ Agende um café para recepcioná-la!

- ✓ Pergunte como você pode acompanhá-la no retorno, quais são as necessidades dela e sobre a nova rotina com o bebê.

- ✓ Escolha uma madrinha para acompanhar o retorno. Pergunte a colaboradora quem ela gostaria e verifique com a outra parte.

- ✓ Empatia e flexibilidade são mais que bem-vindas. Lembre-se que ela não é a mesma que antes.

- ✓ Conte com a Filho no Currículo para te ajudar a criar um ambiente seguro e humano. Conheça o nosso Programa de Parentalidade Plug&Play.

**filhos
no currículo**

Fonte: Instagram ¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COvAePAyt1/> . Acesso 10 janeiro de 2022.

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNNUNyvrf01/?hl=pt> . Acesso 10 janeiro de 2022.

Outro ponto importante a ser ressaltado, é que mesmo em ambas as páginas falando sobre maternidade, há uma certa diferença do conteúdo produzido por elas. A Maternidade nas Empresas amplia o conteúdo através de publicações sobre igualdade de gênero quando, por exemplo, aborda questões sobre sexualidade no mercado de trabalho, ou fala sobre pautas feministas mais amplas, não ligadas diretamente a questões de trabalho do cuidado. Já a Filhos no Currículo, concentra seu conteúdo com maior ênfase nas questões de cuidado, com um foco maior no acolhimento dos cuidadores nos ambientes corporativos e com a discussão de novos sujeitos de cuidado, promovendo um trabalho de sensibilização do tema, principalmente quando utiliza-se de um vocabulário mais amplo, com o uso de termos como parentalidade ou a conjugação mãe(s) e pai(s). Para elas, como informado na publicação do dia 07 de abril (figura 12), “falamos PARENTALIDADE e não usamos as palavras pais e mães, porque não necessariamente o adulto de referência dessa criança será o pai e a mãe. Pode ser tios, avós, madrastras, padrastos, entre outras possibilidades.” (grifo da autora)

Figura 12 - Filhos no Currículo - Publicação da página @filhosnocurriculo



Fonte: Instagram¹²

Nesse sentido, vemos que há uma tentativa de ampliar a compreensão dos sujeitos de cuidado, em busca de desnaturalizar o papel feminino da maternagem. Ampliar essa

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNXmvxeLQ9w/?hl=pt> Acessado em 10 janeiro de 2022.

discussão pode ser positivo, pois convoca uma parte da sociedade a pensar e refletir sobre esse tema. No entanto, ao se fazer a troca de termos, acaba por produzir um certo apagamento político do termo mãe e maternidade, que é reivindicada na proposta do perfil. Aqui devemos nos atentar que para determinadas mulheres mães, sua maternagem é demarcada como um conceito cultural e politicamente determinado, com significados e consequências, principalmente para mulheres racializadas, e abolir esses termos diminui não só a importância política de se maternar como também nega a importância desta como constitutiva de sua identidade materna para sua justiça reprodutiva. Como consequência, o uso desse termo pode disfarçar e negar as opressões de gênero ainda muito presentes quando se fala sobre o trabalho materno (O'REILLY, 2023). Dessa forma, entendemos que ao usar o termo parentalidade, mesmo que este inclua as mães, o faz sem nomeá-las, sem constituir em uma ameaça crítica a problemática vivida por mulheres nos ambiente de trabalho. A intenção no uso desse termo, por essas páginas, visa buscar uma certa legitimidade da discussão para um público mais amplo, ao custo do apagamento político das mulheres mães.

Por fim, é importante ressaltar que todos os pressupostos encontrados são alinhavados através da lógica do amor materno, que justifica e legitima o ideal de mãe proposto pelas páginas como um modelo de maternidade valorizado por elas. Por mais que as páginas em questão busquem promover reflexões e provocações sobre a maternidade, elas ainda reforçam a opressão vivida por mulheres-mães dentro da instituição da maternidade, o que acaba por transformar a maternidade em um produto a ser consumido pelo mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se afirmar que a narrativa de maternidade promovida por ambas as páginas, retomam o movimento visto na década de 1980 que recupera a maternidade como um poder insubstituível, que só as mulheres possuem e os homens invejam. Dessa forma, o problema sai da negação da maternidade e migra para a reivindicação de uma divisão mais equitativa das responsabilidades praticadas tanto pelos pais quanto pelas mães (SCAVONE, 2001). O ideal de maternidade então explorado pela Filhos no Currículo e pela Maternidade nas Empresas, se aproxima de um ideal de maternidade romantizado, reproduzindo normas socialmente aceitas e naturalizadas do que é ser uma “boa mãe” (OLIVEIRA-CRUZ, 2022), impossibilitando uma discussão mais

profunda sobre as estruturas de opressão de gênero existentes na construção da identidade materna dentro do mercado formal de trabalho.

Percebe-se, então, que a partir do momento em que as páginas assumem a noção da maternidade romântica, a partir da imagem da supermãe, legitimam apenas um único tipo de maternidade aceita dentro do mercado formal de trabalho. Com isso, temos a invisibilização de outras maternidades possíveis, não considerando a pluralidade de sujeitas e de experiências maternas existentes em nossa sociedade. As soluções apresentadas pelas páginas, respondem à reivindicação de um feminismo branco e liberal, uma maternidade branca, de classe média, de mulheres que ocupam cargos em grandes empresas, preferencialmente para atividades que possam ser realizadas dentro de escritórios, onde o tipo de solução ofertada por elas é possível de ser realizado. No Brasil, segundo uma pesquisa realizada pelo Sebrae com base nos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), afirma que no ano de 2022, as micro e pequenas empresas foram responsáveis pela criação de um pouco mais de 70% das vagas com carteira assinada. Diante dessa realidade, as propostas de acolhimento de mulheres mães dentro das empresas acabam sendo inviáveis para esses espaços, pois não há materialidade para realizá-las.

Outro ponto importante, é que mesmo mostrando diversos impactos negativos vividos pelas mulheres mães dentro do mercado de trabalho formal, não há efetivamente um questionamento sobre as estruturas que mantêm esse conflito. Tanto a Filhos no Currículo, como a Maternidade nas Empresas, apenas mantém a ideia da maternidade como instituição da vida privada, sendo mais uma responsabilidade associada à vivência feminina. A maternidade é vista como um trabalho, assim como nas teorias feministas, mas ainda carrega a lógica do não remunerado, uma vez que ainda está associado à questão do amor materno. É dentro dessa experiência, segundo ambas as páginas, que as mulheres mães vão desenvolver e potencializar habilidades que podem ser utilizadas no mercado de trabalho. Ao fazerem isso, transformam a maternidade em um produto a ser consumido por esse mesmo mercado, reforçando assim, a carga de opressão e violência que as mulheres sofrem depois de se tornarem mães, na tentativa de se manterem dentro desses espaços.

É a ideia do amor incondicional, de quem ama cuida, como pontuamos acima, que legitima toda e qualquer situação de sobrecarga materna. Associado à ideia de doação pessoal, de felicidade e de realização pessoal, passa a ser o fio condutor da legitimação de toda a opressão vivida pelas mulheres mães, reforçando os valores dominantes da maternidade. Mesmo as páginas buscando problematizar a situação das mulheres mães, a maternidade patriarcal permanece entendida como parte constitutiva e indissociável da

experiência materna, não possibilitando uma reconfiguração das lógicas que a permeiam. Dessa forma, se mantém a acumulação do trabalho produtivo e reprodutivo, fazendo com que as mulheres permaneçam em situação de desvantagem na sociedade.

Por último, é importante ressaltar o emprego do termo parentalidade usado preferencialmente pela Filhos no Currículo. Mesmo tendo a necessidade de existir espaços que se proponham a discutir a ampliação de sujeitos de cuidado, as autoras, além de defenderem o cuidado ativo por parte dos homens sensibilizando sua audiência, também buscam uma aceitação maior para este tema por parte do público em geral. Usar o termo maternidade limitaria essa aceitação, afinal é um tema entendido prioritariamente como algo exclusivamente feminino. No entanto, ao fazer essa escolha por parentalidade, mesmo que este inclua as mulheres mães, ainda produz um apagamento político da categoria mãe, sem a constituir uma crítica à problemática por essas mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI, Leila Mezan. **Famílias e vida doméstica**. In História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 84-154.

ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. **Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil**. In: _____ (orgs). Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. P. 15 – 77

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAGA, Adriana. **Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais**. In Maternidade nas mídias. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, p. 17-39, 2021.

BRIGNOL, Liliane; COGO, Denise; MARTINEZ, Silvia. **Redes dimensión epistemológica y mediación constitutiva de las mutaciones comunicacionales y culturales de nuestro tiempo**. In: Un Nuevo Mapa Para Investigar la Mutación Cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Org. Nilda Jacks, Daniela Schmitz, Laura Wottrich. Quito, Equador: Ediciones Ciespal, p.187-214, 2019.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade - uma Crítica a Freud a Partir da Mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

CHRISTIAN, Brian; GRIFFITHS, Tom. **Algoritmos para viver: A ciência exata das decisões humanas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HAYS, Sharon. **Contradições culturais da maternidade**. Rio de Janeiro, Gryphus, 1998.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. London: Sage, 2000.

HIRATA, Helena. **A nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MENDONÇA, Maria Collier de. **A maternidade na publicidade: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto**. Tese de doutorado. Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC-SP, 2014.

_____. **Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo**. Revista *Ártemis*, vol. XXXI nº 1; jan-jun, 2021. p. 56-72.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas: Autores Associados, 2004.

MACIEL, Camila. **Micro e pequenas empresas criaram mais de 70% dos empregos de agosto**. Agência Brasil, 2022. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-10/micro-e-pequenas-empresas-criaram-mais-de-70-dos-empregos-de-agosto>> Acesso dia 10 de fevereiro 2023.

MEYER, Dagmar. **A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento**. Niterói: Revista *Gênero*, v.6, n.1, p.81-104, 2.sem. 2005.

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de. **Romântica, real e ativa: narrativas pessoais e interações sobre a maternidade no Instagram**. In: *Feminismos, mídia e subjetividades*. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2022.

O'REILLY, Andrea. **Matricentric feminism: Theory, Activism and Practice**. Canadá, Demeter Press, 2015.

_____. **Feminismo matricêntrico: um feminismo para e sobre as mães**. In *Falás, percursos, práticas e modos de (r)ex(s)istir*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. **Identidades na contemporaneidade: uma reflexão sobre performances em site de redes sociais**. São Paulo, Revista do Centro de Pesquisa e Formação, SESC/SP, nº 8, julho, 2019 p. 103-119.

PRIORE, Mary del. **Ao sul do corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colonial**. Rio de Janeiro; Brasília: José Olympio; UnB, 1993.

RAMOS, Jair de Souza. **Machines among the crowd: on the political effects of algorithmic production of social currents.** Vibrant, Virtual Braz. Anthr. 16, 2019.

RUSSEL, Stuart Jonathan. **Inteligência artificial.** Rio de Janeiro, Elsevier. 2013.

SCAVONE, Lucila. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** Interface _ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2005.

_____. **A Maternidade e o feminismo: diálogo com as Ciências Sociais.** Cadernos Pagu (16), p.137-150, 2001.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo; POLIVANOV, Beatriz Brandão. **“Sabe o que Rola nessa Internet que Ninguém Fala?”: Rupturas de Performances Idealizadas da Maternidade no Facebook.** In: Intercom - 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, PR, 04 a 09/09/2017

_____. **Textão-desabafo no facebook: categoria discursiva para debates sobre a maternidade.** In Maternidade nas mídias. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, p. 133-162, 2021.

TOMAZ, Renata. **Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão.** Galáxia (São Paulo, Online) n.29, p. 155-166, jun. 2015.